

PUC *viva*

Mural Semanal da APROPUC
e AFAPUC - Nº 267 - 7/6/99

13º SALÁRIO

Professores discutem nova proposta da Reitoria

Na segunda-feira, dia 31/5, os professores não receberam a primeira das seis parcelas do seu 13.º salário referente ao ano de 1998, conforme a proposta apresentada pelo vice-reitor administrativo, professor Fabio Gallo, à APROPUC. Em seu lugar, a Reitoria fez uma nova proposta, na qual os professores receberiam de uma só vez o valor devido pela Fundação São Paulo, através de uma operação financeira denominada "empréstimo-ponte".

Segundo carta enviada pela Reitoria à APROPUC, com esta operação, os professores apareceriam como tomadores de um empréstimo junto ao Banco Safra, porém, a responsabilidade da quitação, do ponto de vista legal, seria da Fundação São Paulo, que executaria tal pagamento em 9 parcelas.

Essa solução seria adotada pela Reitoria uma vez que o desequilíbrio financeiro que a instituição vem apresentando impede o acesso às linhas de crédito

bancário. Através do empréstimo-ponte, os juros poderiam ser suavizados e o desembolso com o pagamento em nove vezes melhor absorvido.

Ainda segundo a carta da Reitoria, os professores poderão optar pela efetivação do crédito bancário em qualquer banco, o que acarretaria num desembolso de uma taxa de 4,5% por parte da Fundação. Porém, se optar pelo Banco Safra, o professor poderá obter um pacote de vantagens como taxa de cheque especial de 5% e isenção total de tarifas por 180 dias.

A Reitoria também comunicou verbalmente à APROPUC uma complementação da sua proposta inicial porém, até o fechamento desta edição a entidade não havia recebido a proposta por escrito.

ASSEMBLÉIA DOS PROFESSORES

A APROPUC, juntamente com seu Departamento Jurídico

está analisando a proposta. Em reunião realizada no dia 31/5, entre a associação e o professor Fábio Gallo, ficou acertado que a proposta não será implementada, e nenhum encaminhamento referente à sua consecução será feito, antes de a assembléia dos professores avaliar o seu teor e aprová-la ou não. Para isso, a entidade está convocando os professores para uma assembléia no dia 8/6, às 17h, na sala 333, onde o assunto será debatido.

Muitos pontos da proposta ainda permanecem sem um maior esclarecimento, como, por exemplo, o que acontecerá com os professores que não optarem pelo empréstimo. Atendendo a um pedido da APROPUC, o vice-reitor administrativo estará presente na assembléia para prestar os esclarecimentos necessários.

A APROPUC está enviando a todos os Departamentos uma carta convocando para a assembléia e apresentando o documento da Reitoria.

Só porque Juliana chorou...

Alda Luiza Carlini

Nesses quase vinte anos de vida docente na PUC-SP, tive oportunidade de presenciar e mesmo de vivenciar diferentes movimentos organizados de professores e funcionários e de alunos, que observadores externos poderiam reputar à condição de modas e de modismos. Mas para nós, que estávamos lá e que discutíamos exaustivamente cada novo passo, cada ação, era tudo muito sério, muito bem fundamentado. Era vital.

Houve um tempo em que não recebíamos nosso salário e fazíamos greve. Fazíamos greve com salário também, mas porque reivindicávamos correções salariais, e brigávamos por índices e discutíamos benefícios e cláusulas do acordo interno. E fazíamos greve... Todo ano havia uma greve, pelo menos, e depois ficávamos discutindo se reporíamos as aulas e, nos casos em que decidíamos pela reposição, avançávamos as férias ou recessos repondo aula, repondo aula... até cumprir o semestre letivo.

Isso já passou (ao que parece). Agora não há mais greve, nem correção salarial e nem mesmo salário em dia, mas não há mais greve. Também não há mais reposição de aulas. O calendário escolar, com todas as suas semanas letivas, uma após a outra, em clima de paz e tranquilidade, cabe direitinho no semestre, e já não se trabalha nas férias, nem nos recessos.

Também houve uma fase em que a paralisação de atividades era desencadeada pelos alunos. Era uma outra forma de greve. Eles reivindicavam reajustes menores de suas mensalidades, ou a manutenção das mensalidades sem reajustes, ou ainda a redução das mensalidades escolares. Nesses momentos, eles faziam muito barulho, se esforçando por atrapalhar as aulas e retirar das salas seus colegas menos preocupados com essas questões, ou

até preocupados, mas impedidos de participar por seu professores que os ameaçavam com faltas ou notas baixas. Com as aulas interrompidas por tanto barulho, todos podiam participar, ou ir para casa conforme desejassem.

Se não por isso ou por aquilo, também já tive minhas aulas interrompidas pela ausência de sala. Não se trata de ausência coletiva dos alunos, mas como deve ter acontecido com outros colegas, já fui uma *professora sem sala*. Por problemas administrativos, que não consigo entender (e para falar a verdade, nem tento), vi minha sala de aula – espaço físico – ser cedida a outro professor, de outra disciplina e curso, de outra faculdade, o que é pior, no mesmo horário em que eu deveria ocupá-la. Esclarecimentos realizados, alunos perdidos, pensamentos interrompidos e, em uma ou duas semanas, tudo voltou ao seu normal. Até que acontecesse de novo.

Às vezes, a aula do outro professor começa antes que a minha termine. Nenhum problema, se não fosse na mesma sala. Em especial agora, que os alunos do outro professor se empenham em chegar adiantados, para garantir sua cadeira, concluírem suas atividades. É um pouco confuso de explicar, mas vem dando mais ou menos certo.

Ultimamente, no entanto, uma nova circunstância pode ser observada. Não se trata de um movimento organizado de paralisação de atividades, desencadeado por professores e funcionários ou por alunos. Pelo menos, enquanto categoria, em sua totalidade. Também não é decorrente de confusões de ordem administrativa, criadas inadvertidamente. Talvez seja apenas uma nova moda.

Corresponde, com certeza, a um movimento de perturbação de atividades docentes, organizado por grupos de alunos – não me perguntem quais

ou de quem – que se reúnem nos bares da rua Ministro Godoy e promovem apresentações musicais. Nada contra a música, nem contra os gêneros musicais escolhidos, apenas contra os decibéis a mais em que são apresentadas. Esses sons invadem a sala de aula – bem agora que eu tenho uma –, competem com a minha voz e a de meus alunos, dispersam a atenção e dificultam o raciocínio.

Ao longo desse semestre, já se realizaram quatro ou cinco apresentações e, de certo modo, já estávamos quase nos acostumando. No entanto, nesta última semana, quando a aula precisou ser abortada em meio a tanto barulho, ficamos conversando mais um pouco e consideramos a violência a que estávamos sendo expostos naquele momento, proveniente de pessoas provavelmente iguais a nós; consideramos a nossa condição de vítimas sem a possibilidade de recorrer a alguém – ao bispo que fosse –; consideramos que essa universidade enquanto população e clientela, mudou muito nesses anos; consideramos que já não há quase nada a fazer, a não ser ir embora e continuar na próxima semana, se não houver apresentação. Mas, no meio de todas essas considerações, Juliana chorou. Era tão grande a sua raiva, o seu descontentamento, o seu inconformismo, que ela chorou. E, enquanto ela limpava suas lágrimas que teimavam em se multiplicar, eu não soube o que dizer, mas confesso que senti vergonha.

E então, ela foi embora. E eu fui embora, mas ficou uma dúvida. Será apenas isso que nos resta fazer: chorar?

Alda Luiza Carlini é professora da Faculdade de Educação.

Os artigos publicados na seção Fala Comunidade são de responsabilidade de seus signatários.

TESES

A política municipal de habitação de Santos (SP) nas gestões de 89/96, por Jurema Q. M. Lins, mestrado em Serviço Social, dia 7/6, às 14h.

Uma proposta para apuração do preço do serviço de assistência técnica, por Henrique Formigoni, mestrado em Contábeis, dia 7/6, às 14h.

A vitimização do sagrado e a culpabilização do sujeito, por Maria Angela V. M. F. Almeida, doutorado em Ciências Sociais, dia 7/6, às 15h.

A nova ordem mundial para as organizações e as relações entre dirigentes e dirigidos, por Décio Luiz Portella, mestrado em Administração, dia 7/6, às 15h.

A indústria de cerveja como oligopólio diferenciado, por Marcio Andreoli, mestrado em Economia Política, dia 8/6, às 8h30.

Avaliação de risco de insolvência de empresas, por Cláudia Regina de Moraes, mestrado em Administração, dia 8/6, às 8h30.

Dificuldades do aluno segundo o professor, por Tânia Y. R. Pereira, mestrado em Psicologia da Educação, dia 8/6, às 14h.

O supervisor de campo como sujeito do processo de formação, por Clélia M. da S. Perazza, mestrado em Serviço Social, dia 8/6, às 14h.

Dominação simbólica no ensino de língua portuguesa, por Sérgio Simka, mestrado em Língua Portuguesa, dia 8/6, às 15h.

Qualidade de vida e qualidade devida, por Fernanda A. da Cruz Gouveia, mestrado em Psicologia Clínica, dia 8/6, às 16h.

Substituição tributária, por Heloísa A. Gomes, mestrado em Direito, dia 9/6, às 8h30.

Garantias bancárias. À primeira demanda, por Larissa A. Rossi, mestrado em Direito, dia 9/6, às 8h30.

Um enfoque contextual de tecnologia de informação, por Jayr F. de Oliveira, mestrado em Administração, dia 9/6, às 10h.

Perícias psicológicas judiciais e a família, por Sheila R. de Camargo Martins, mestrado em Psicologia Clínica, dia 9/6, às 13h.

A reciclagem do plástico, por Rivaldo T. Coelho, mestrado em Administração, dia 9/6, às 15h.

Alteridade e intolerância: trajetos de Lima Barreto, por Maria Ercília do Nascimento, doutorado em Ciências Sociais, dia 10/6, às 14h.

A metáfora e a prática de leitura como evento social, por M. Isabel A. Nardi, doutorado em Linguística, dia 10/6, às 14h30.

Da ação de indenização do dano moral "causa mortis", por Claudio L. B. de Camargo, mestrado em Direito, dia 10/6, às 17h.

Práticas imagéticas nas retratações da Amazônia, por Luiz F. R. B. Bitton T. da Rocha, mestrado em História, dia 11/6, às 10h.

Memória do concreto: vozes na construção de Itaipu, por Maria de Fátima B. Ribeiro, mestrado em História, dia 11/6, às 10h.

O potencial criativo não se rende à doença mental, por Andréa R. de Mazzeri Rathsam, mestrado em Psicologia Clínica, dia 11/6, às 10h.

O Juiz e a alma, por Lidia R. de Almeida Prado, doutorado em Direito, dia 11/6, às 13h.

Fraude de execução, por Ernesto A. de Carvalho, mestrado em Direito, dia 11/6, às 14h.

Um estudo do comportamento eleitoral nas eleições municipais de 96, por Nilton Antonio Sanches, doutorado em Psicologia Social, dia 11/6, às 14h.

O sentido das práticas sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo na tramitação do projeto de lei nº 1151-A/95, por Luiz Antônio Rala, mestrado em Psicologia Social, dia 11/6, às 14h30.

Interdisciplinaridade para o currículo: um estudo preliminar, por Janete Bernardo da Silva, mestrado em Educação: Currículo, dia 11/6, às 15h.

Obsessão, cotidiano e territórios de ficcionalidade no folhetim de Nelson Rodrigues, por Josefina de Fátima T. Silva, mestrado em Ciências Sociais, dia 11/6, às 15h30.

Desvios fonológicos: da articulação à fonologia, por Sinara dos Santos Hütner, mestrado em Fonoaudiologia, dia 11/6, às 16h.

Princípios fundamentais de Direito do Trabalho no Mercosul, por Izidro Moraes da Silva, doutorado em Direito, dia 14/6, às 8h.

IDIOMAS

Os interessados em cursar Inglês, Francês ou Espanhol para graduandos que têm conhecimento da língua escolhida devem fazer teste de classificação nas próximas terça e quarta-feiras, dias 15 e 16, às 11h45 ou às 17h20. Mais informações na secretaria da Comfil, telefone 3670-8025.

ESPAÇO EDUC

Nesta semana, a Editora Fondo de Cultura vende seus livros com desconto de 30%, no Espaço Educ.

PALESTRA

O papel do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) na economia brasileira atual é o tema da palestra que o presidente do Cade, Gesner de Oliveira fará dia 12/6, às 9h, no Tuca, promovida pela Faculdade de Direito e pelo 22 de Agosto.

BARÃO DE MÜNCHHAUSEN

A professora Ana Mercês Bahia Bock lança o seu livro Aventuras do Barão de Münchhausen na Psicologia, edição Educ/Cortez, dia 9/6, às 19h30, na Livraria Cortez.

O SAGRADO

O Programa de Ciências da Religião promove o seminário O Sagrado e o Trabalho, com palestras de Antonio Marchionni, Maria Adélia de Souza e Valdemar Rossi, sob a coordenação de Waldecy Tenório e Ênio Brito, dia 11/6, às 14h, no auditório 134, primeiro andar do Prédio Novo.

O CIENTÍFICO

O professor Onésimo de Oliveira Cardoso, do Pós em Administração, falará sobre o Científico nas Organizações, dia 10/6, às 16h. Mais informações no Programa de Semiótica.

Ele evoluiu tanto a ponto de escrever a frase racista

"Negros, voltem para a Selva, seus primatas". Esta frase foi escrita, no banheiro da faculdade de Ciências Sociais, por alguém que certamente está incomodado de ver tantos negros na PUC-SP. Quantos negros serão? Provavelmente menos de um por cento do total de alunos. É inegável que é muito pouco e estes poucos incomodam... Para os racistas é um absurdo negro estudando. Esta não é a função do negro, a sua função é "limpar o que o branco sujar". O professor Leonardo Trevisan, formado em história na USP, em seu livro *Abolição um suave jogo Político?*. Desenvolve esse tema no capítulo chamado "Por que 'negra é' a mão que faz a limpeza?". O Geógrafo Milton Santos, disse: "a universidade é o lugar para pensar". Se é assim, o que os outros negros fazem lá? "Esses que teimam em não limpar". Será que esses poucos negros estão indo estudar?

A universidade, segundo o historiador Flávio Campos, professor da PUC-SP "é o lugar da Excelência". Se a universidade é "o lugar da excelência para pensar"... entendo a preocupação do racista ao escrever "Negros, voltem para a Selva, seus primatas", racista cujo nome não citarei pois ele não assinou. Ele ao escrever talvez estivesse querendo lecionar antropologia, talvez estivesse querendo dizer que existe a hipótese de que o homem saiu da floresta para a savana, e evoluiu... Talvez ele queira dizer que os negros saíram da floresta e não evoluíram... Talvez ele seja branco e queira dizer que os brancos, ao contrário dos negros, evoluíram. Talvez ele queira dizer que ele (branco) evoluiu tanto, a ponto de escrever a frase racista. Frase que para a maioria não tem a menor importância, 'é um ato de vandalismo, que me faz lembrar as frases semelhantes contra os judeus que resultou na morte de aproximadamente 6 milhões de judeus. Fato que levou muitos a dizerem "pobre dos judeus", e ninguém se lembra dos negros. Quantos morreram? 40 milhões... 400 milhões?...

Existem muitos pesquisadores brancos estudando o negro, "o negro é pertinente", o negro é um "objeto de pesquisa excelente". Esses brancos de tanto estudarem tornam-se autoridades no assunto, a ponto de dizer ao negro quando ele é vítima de racismo. Chico Buarque quando canta "Eu quero lhe dizer que a coisa aqui tá preta" na música *Meu Caro Amigo* (que compôs em parceria com Francis Hime), para alguns doutores não comete racismo, afinal ele é "unanimidade nacional". Apesar de que, para os doutores talvez não exista unanimidade, disse Nelson Rodrigues: "Toda a unanimidade é burra". O

mesmo Nelson que comentou com Abdias do Nascimento, na época em que escreveu *Anjo Negro*: "No Brasil, o negro é pior tratado do que nos Estados Unidos" relatado no livro *Anjo Pornográfico* de Ruy Castro, onde aparecem frases como esta (da página 393) "Por que Nelson ajudaria alguém acusado de 'denegrir' o Brasil no exterior? E ainda mais que esse 'negrum' se referia às torturas". É preciso perguntar aos doutores se Ruy Castro foi racista nesta frase. Eles que se dedicam anos, tendo como objeto de pesquisa o negro. Para o mercado, os negros não são "seres humanos", são consumidores. Para esses estudiosos brancos, o negro também não é um "ser humano" e sim um "objeto de pesquisa".

O sociólogo Florestan Fernandes, (numa reportagem à Folha, em 20 de Agosto de 1995 a dez dias antes de sua morte) comentou o seu livro a *Integração do Negro na Sociedade Brasileira*, - "A integração... é o trabalho mais importante que fiz, tanto em termos empíricos quanto teóricos. O título já dialético que fala de uma integração que não houve". Um dos colaboradores do Florestan nesse livro foi o José Correia Leite, a quem Florestan prestou uma homenagem na Câmara dos deputados, em 20 de Março de 89: "José Correia Leite homem de origem humilde, batalhador, negro, que foi um dos pioneiros dos movimentos sociais que se organizam em São Paulo para desmascarar a situação que viviam os negros". Acrescentou: "José Correia era modesto, mas realizou tarefa intelectual e política de um grande homem, aliás de um grande homem em escala nacional". No livro *E assim disse o Velho Militante* do escritor Cuti, há uma frase de José Correia Leite que serve aos brancos que se julgam especialistas - "Não estou discutindo títulos e sim idéias". Enfim o doutor torna-se imbecil quando diz ao negro com a autoridade do seu título: "Isto não é racismo, você está com complexo de perseguição".

Quanto à frase racista hipoteticamente arriscarei uma estatística. Vamos supor que a "cada '50' brancos '3' negros vejam a frase. Desses '50' brancos, uns '2' amigos de 'preto', não aprovem a frase e até comente com seu colega 'preto' que ele deveria tomar providência. Dos '3' negros para '50' brancos, se '1' negro se indignar ao ler a frase racista, será um fato extraordinário"... Pois o branco disse para o negro que ele não deve se importar, quando negam sua integridade humana. Não foi esta a ordem? Se a cada "3" negros ao lerem a frase racista somente "1" esporadicamente se indignar, parece óbvio que a ordem é essa.

Os negros universitários me decepcionam, pois são muito obedientes aos brancos. Eles saem da periferia pagam uma, duas ou mais conduções, chegando na universidade não estranham o fato de praticamente não existirem negros... Ele ignoram Milton Santos para eles a universidade não é "lugar para pensar", eles estão lá para ascender socialmente, para se integrar, para namorar e, "se deus quiser", casar, assim seus filhos nascerão mais brancos, e certamente terão uma vida melhor.

Gil e Caetano na Música *Haiti* cantam "Você vê como tratam os pretos". Viver no ostracismo não dá, o melhor é se integrar, ouvir piadas racistas e rir, "pois branco manda rir". Eles repetem discursos que dizem que os negros que não chegam as universidades são preguiçosos. A Educafro (Educação para Afrodescendentes e Carente) elaborou um documento que denominou os "SETE ATOS OFICIAIS QUE DECRE-TARAM A MARGINALIZAÇÃO DO POVO NO BRASIL". Para se Ter uma idéia cito apenas dois deles: O 2º Ato Oficial: Lei "Complementar À Constituição De 1824" que impedia os negros de freqüentar escolas, pois eram considerados doentes de moléstias contagiosas e o 4º Ato Oficial, sobre a Guerra Do Paraguai (1864 - 1870), que foi um dos instrumentos para reduzir a população negra do Brasil.

Porém nem todos repetem esses discursos... Existem negros dedicados a estudar o negro. Esses negros ficam felizes quando aparece outro negro na universidade, preocupam-se em despertar sua consciência racial, fazem amizade e logo dizem "você tem que ler os livros". O negro feliz, querendo se informar, diz "que ótimo, me empreste o livro", e esses negros dizem não, temendo que seu livro seja roubado, e pede para que o "Mano" tire cópia, só que o "Mano" não tem dinheiro. Esses negros universitários são "conscientes", afinal lêem muito a ponto de dizerem "se você quiser falar comigo tem que ler". Esses negros provavelmente não conversam com seus "Manos" das periferias onde moram, sobrando-lhes os poucos negros universitários "conscientes", e alguns brancos, que apesar de serem esmagadora maioria da universidade, poucos lêem.

¹ Fernandes, Florestan Significado do Protesto Negro

Laurenço Cardoso é aluno do 1º ano de História.

Os artigos publicados na seção Fala Comunidade são de responsabilidade de seus signatários.

APROPUC solidariza-se com trabalhadores presos

Nestas últimas semanas a sociedade assiste a uma das maiores perseguições aos trabalhadores sem-terra: 41 trabalhadores foram presos, no estado do Paraná, no final do mês de maio. Em repúdio à repressão no Paraná, os moradores do acampamento Nova Canudos, localizado no km 99 da rodovia Castelo Branco realizaram manifestação, fechando a rodovia.

A situação de fome que os moradores do acampamento vêm enfrentando obrigou-os a buscar alimentos de diversas maneiras o que causou pronta reação da tropa de choque da PM.

O incidente originou uma das mais belas imagens do nosso fotojornalismo: com extrema felicidade, o repórter da Folha registrou o momento em que um garoto devolvia a um PM o pacote de macarrão que havia conseguido, numa imagem que emociona e ao mesmo tempo envergonha um governo que se presta a reprimir aqueles que sentem fome. A foto foi distribuída pelas principais agências internacionais e está

A mensagem da APROPUC

“Repudiamos energeticamente a violência cometida contra os membros do MST, um dos orgulhos de ser brasileiro.

Melhor fariam se prendessem os que lesam os cofres públicos, vampirizam o patrimônio estatal, engordam os seus ganhos financeiros às custas da miséria do nosso povo.

Libertem esses batalhadores por um Brasil melhor.”

sendo publicada em vários órgãos de imprensa de todo o mundo.

Seis trabalhadores do acampamento Nova Canudos ainda continuavam presos ao fecharmos esta edição, inclusive o militante Marcelo Buzetto, que também estuda no pós-graduação da PUC-SP. A coordenação do MST solicita a todas as entidades que enviem moções de repúdio ao presidente da República, governadores dos estados de São Paulo e Paraná e outras autoridades condenando tais atos e exigindo liberdade para quem luta pela reforma agrária.

A APROPUC enviou uma mensagem às autoridades (veja íntegra nesta

página) e, através de seus diretores, esteve presente no acampamento hipotecando solidariedade, tanto aos moradores do acampamento quanto aos militantes presos. A APROPUC entregou também roupas e mantimentos que foram arrecadados junto a professores e estudantes da PUC. Além disso, a entidade está organizando uma campanha de doação de alimentos para os acampados em Nova Canudos, que estão passando por sérias dificuldades. A comunidade puquiiana pode enviar alimentos não perecíveis, principalmente arroz, feijão, latas de sardinha, atum e leite em pó, para a sala P-70, Prédio Velho.

APROPUC CONVOCA ASSEMBLÉIA DOS PROFESSORES

Pauta: Proposta da Reitoria para pagamento do 13º Salário via “Empréstimo-Ponte”

Confirmada a presença do vice-reitor administrativo para esclarecimentos

8/junho - terça-feira - 17h - Sala 333

ROLA NA RAMPA

PUC ganha liminar

A juíza federal substituta **Monica Autran Machado Nobre** concedeu, no dia 1.º/6, liminar que garante à PUC o caráter de filantropia, eximindo a universidade do pagamento da contribuição previdenciária instituída pela lei 9732/98. Entendeu a juíza que a PUC goza de imunidade, prevista no artigo 195 da Constituição Federal,

que só poderá ser quebrada por uma lei hierarquicamente superior, ou seja, uma emenda constitucional.

Uma vitória definitiva da instituição, porém, ainda não foi alcançada, pois o governo federal tem até 15 dias para recorrer da sentença e, nesse caso, haverá um período para ser julgado o mérito da questão.

Samir

A professora Ana Salles Mariano, da Videoteca, e o professor Erson Martins do Departamento de Artes estão organizando um evento da Comfil em homenagem ao professor do Departamento de Artes Samir Curi Meserani, falecido há alguns meses. O evento, que será no dia 25/8, visa discutir o método de redação criado por ele e fazer uma reconstituição biográfica de sua vida através dos depoimentos de amigos e ex-alunos. Haverá uma reunião no próximo dia 22, às 17h, no Departamento de Artes, aberta a toda a comunidade e a todos os amigos do professor Samir que queiram participar e contribuir com idéias para o evento.

Seminário Júnior

Nos dias 8 e 9/6, terça e quarta-feiras, a Consultoria Júnior da PUC e o Projeto de Eventos Júnior (PEJ) realizam o 1.º Seminário Júnior. O evento ocorrerá no Tucarena, das 19 às 21h30. Mais informações pelo telefone 3670-8186.

Som alto

A festa no Pátio da Cruz, na sexta-feira, dia 28/5, intitulada "Manifesto da Vida", organizada pelos CAs Beneditos Paixão, Cacs e 22 de Agosto, ocorreu sem maiores problemas, exceto pela reclamação do volume do som por parte dos vizinhos. Contudo, quem enfrentou problemas devido ao som alto foram os dois bares em frente à PUC - 3.ª Aula e Zacam - que foram fechados pelo PSIU, órgão da Prefeitura. Segundo Alexandre Brandão, sócio do bar 3.ª Aula, o limite de ruído permitido pela lei do silêncio é de 60 decibéis, o que equivale a seis pessoas conversando. Ele afirma que o estabelecimento depende da freguesia para sobreviver e que jamais quis perturbar os vizinhos.

Alfabetização

O Centro Acadêmico de Educação (CAE), em parceria com alunos de Administração da PUC, está criando um projeto de alfabetização para adultos. Além de alfabetizar pelo método Paulo Freire, o projeto tem por objetivo ensinar aos alunos os princípios básicos do direito do cidadão, legislação social e noções básicas de economia brasileira e política. Os organizadores do projeto já estão entrando em contato com a Central Geral de Estágios da PUC para que o trabalho voluntário conte como estágio de 20 horas semanais.

Fumu

O CA 22 de Agosto está preparando o Festival Universitário de Música (Fumu) para o segundo semestre. Qualquer banda que tenha ao menos um componente que seja aluno da PUC poderá se inscrever. As bandas deverão entregar uma fita demo com três músicas para avaliação da comissão julgadora, que escolherá as dez melhores bandas para tocarem no Fumu. Destas dez, as três melhores tocarão no Show Universitário de Música (Shumu) juntamente com uma banda conhecida. Em breve as inscrições estarão abertas.

Juninas

A Derdic realizará a sua festa junina no dia 19/6, sábado, a partir das 14h. Os convites custam R\$ 1. Quem quiser participar deve retirá-los na sede da AFAPUC. A Festa junina da Derdic oferecerá barracas de jogos, brinquedos especiais, comidas típicas, show musical, quadrilha, bingo, feira de produtos e dança, bem como sorteio de uma TV a cores. O estacionamento é gratuito e crianças até 10 anos não pagam.

Neste sábado, 12/6, também acontece, na quadra do câmpus Monte Alegre, o 2.º Arraial Puquiano. A festa é promovida pelo Conselho de Centros Acadêmicos (CCA). O ingresso custará R\$ 2, mais 1k de alimentos não perecíveis ou um agasalho. Os mantimentos e roupas arrecadados serão entregues a entidades beneficentes. A festa já conta com o apoio da AFAPUC, Pastoral Universitária e NTC.

JORNAL SEMANAL PUCVIVA

PUCviva é uma publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP. **Coordenação:** Valdir Mengardo. **Edição:** Aldo Escobar. **Reportagem:** Andréa Cordioli. **Edição de arte e editoração eletrônica:** Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães. **Colaboraram nesta edição:** Francisco Cristovão, Madalena Guasco Peixoto, Maria da Graça Gonçalves, Anselmo Antonio da Silva. **Telefones da Apropuc:** 3670-8209 e 3872-2685. **E-mail:** apropuc@sanet.com.br. **Telefone da Afapuc:** 3670-8208. **Endereço do PUCviva:** Rua Cardoso de Almeida, 990 - Sala 9 - Corredor da Cardoso - S. Paulo - SP. **Fone:** 3670-8004. **E-mail:** pucviva@sanet.com.br. **PUCviva na Internet:** <http://www.pucsp.br/~afapucsp/>